

O IV CONGRESSO MUNDIAL DE SÂNSCRITO DA I. A. S. S.

Carlos Alberto da Fonseca

Organizado pela Humboldt Universität zu Berlin, em cooperação com a Academia de Ciências da República Democrática Alemã e patrocinado pela UNESCO e pelo CIPSH (Conseil International de Philosophie et de Sciences Humaines), realizou-se em Weimar (República Democrática Alemã), no período de 23 a 30 de maio de 1979, o IV Congresso Mundial de Sânscrito da I.A.S. S. Estiveram presentes aproximadamente 400 participantes, provenientes de 29 países. Foram apresentados 244 trabalhos, número que reúne conferências e comunicações, num total de quase 70 horas dedicadas à discussão de teses; além disso, houve a recitação comentada de hinos védicos e de poemas sânscritos clássicos, a exibição de filmes sobre a cultura indiana e sobre o *Agnicayanahotra* (o ritual em louvor a Agni, o deus do fogo), a representação de um drama do tento clássico indiano (o *Mudrârâksasa*), (“O sinete e o Ministro”), uma exposição de livros raros, de alguns manuscritos e de publicações recentes sobre o Sânscrito, a inauguração de uma exposição de arte indiana (esculturas em madeira, utensílios em metal, gravuras, pinturas, tecidos, jóias, etc.), a emissão de uma série filatélica comemorativa (*Indische Miniaturen*), duas assembléias gerais da I.A.S.S. e demais atividades programadas pelo comitê organizador (recepções oferecidas pelo Prefeito de Weimar, nos salões do Congresso e pelo Ministro da Cultura, no Hotel Elephant), excursões ao castelo de Wartburg e ao Buchenwald Memorial, aos museus Herder, Goethe e Schiller, concerto com peças de Haendel, etc. O ritmo quase febril dos trabalhos e das atividades, no entanto, não prejudicou aquele que é um dos objetivos da Associação: promover o encontro dos estudiosos do Sânscrito de todos os países do mundo e a troca e o debate de idéias.

A I.A.S.S. (International Association for Sanskrit Studies), uma associação de caráter internacional, sediada em Paris, nos Instituts d'Asie do Collège de France, foi constituída em 1972 e, já em 1973, organizava o seu primeiro congresso em Heidelberg; o segundo foi realizado em Turim em 1975; o terceiro reuniu-se em Paris, em 1977, sob o patrocínio da UNESCO, do CIPSH, do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), da École Française d'Extrême-Orient da Association Française d'Études Sanskrites, da Université de Paris-III e da Université de Lyon-III. Segundo o artigo 4º dos seus esta-

tutos, a I.A.S.S. tem o objetivo de promover, diversificar, intensificar e coordenar os estudos sânscritos em todos os países do mundo; manter contatos com o Comitê de Organização dos Congressos Internacionais de Ciências Humanas da Ásia; organizar colóquios internacionais de estudos sânscritos; favorecer as publicações de caráter científico relativas aos estudos sânscritos; estabelecer e reforçar os laços entre as associações nacionais de estudo sânscritos” Isenta de qualquer caráter político (prova na prática que as diferentes ideologias ou visões de mundo são questões situadas numa instância diferente do plano de consideração do objeto de estudo — veja-se o cenário do IV Congresso), e sempre respaldada pelo concurso considerável de instituições de tradição sólida e seriedade reconhecida, a I.A.S.S. — além dos objetivos estatutários — tem mantido no horizonte das suas realizações um trabalho cuidadoso de pesquisa de manuscritos sânscritos e sua catalogação, numa tentativa de localização e preservação do material de estudo disperso por toda a Índia e por todo o mundo. A presidência da Associação, desde a sua fundação, fora ocupada pelo Prof. Dr. V. Raghavan, de Madras, que, lamentavelmente, falecera a 5 de abril, às vésperas do Congresso; tanto o quadro administrativo (9 elementos) quanto o comitê consultivo (15) são recrutados entre todos os associados, de sorte que estão ali representados 22 dos países em que há pessoas que se dedicam ao estudo do Sânscrito.

Se o nível e o sucesso de um Congresso também podem ser medidos pelos números da sua contabilidade, as cifras de Weimar são bastante significativas. As representações maiores — os números se referem, sempre, ao conjunto dos trabalhos apresentados — foram as da Índia (52), União Soviética (51) e R.D.A. (31), fato que se explica por duas resoluções do Congresso de Paris, que recomendou ao Governo da Índia e às Universidades Sânscritas de Varanasi (Benares) e Durbhanga que providenciassem a participação regular dos estudiosos indianos nos Congressos futuros e que determinou que fosse assegurada a participação gratuita dos estudiosos do país em que se realize um Congresso. As representações menores, com 1 elemento cada uma, foram as da Austrália, de Sri Lanka, da Indonésia, do Brasil, da Áustria e da Finlândia; em relação a estes dois últimos países, eram bastante grandes as delegações que apenas compareceram ao Congresso. A França compareceu com 17 elementos, a República Federal da Alemanha com 14, a Itália e os Estados Unidos com 9, a Polônia com 8, a Hungria com 6; a Mongólia, o Japão, os Países Baixos e o Canadá com 4; a Iugoslávia, a Grã-Bretanha, a Suíça, a Bélgica e a Tchecoslováquia com 3; a Tailândia, a Romênia, o México, a Dinamarca e a Suécia com 2. Da Argentina, da Costa Rica, do Peru e do Uruguai — os outros países sul-americanos onde há cursos de Sânscrito em Universidades —, todos incluídos nos dois volumes intitulados *Sanskrit Studies outside India*, publicados como o Boletim nº 2 da I.A.S.S., não compareceu nenhum representante. As razões que explicariam o número pequeno ou nulo de participantes de alguns países fornecem um quadro bastante rico das con-

dições de existência ou de teimosa sobrevivência não só dos cursos de Sânscrito mas também de ciências humanas em geral: distância geográfica das sedes dos Congressos, nebuloso estabelecimento de prioridades culturais, precária situação econômica mais dos professores universitários que dos recursos financeiros de alguns países. O contrário das mesmas razões explicaria os números maiores.

De modo geral, as comunicações e as conferências primaram pelo elevado nível de especialização dos professores e/ou pesquisadores. Os trabalhos apresentados foram distribuídos em 10 seções:

1. Os estudos sânscritos e as ciências humanas (2)
2. O Estado e a Sociedade na Índia antiga (18)
3. O papel do Sânscrito e a cultura sânscrita na Índia (11)
4. A posição do Sânscrito e a cultura sânscrita no mundo
 - 4.1. O impacto do Sânscrito e da cultura sânscrita na Ásia Central (16)
 - 4.2. O impacto do Sânscrito e da cultura sânscrita no Sudeste da Ásia (7)
 - 4.3. O impacto do Sânscrito e da cultura sânscrita na Europa (10)
5. Língua
 - 5.1. Gramática histórica do Sânscrito (8)
 - 5.2. Gramática descritiva do Védico/Sânscrito (7)
 - 5.3. Vocabulário do Védico/Sânscrito (5)
 - 5.4. Línguas médias indo-arianas (9)
 - 5.5. Gramáticos indianos (6)
6. Religião/Filosofia
 - 6.1. Veda (25)
 - 6.2. Budismo/Jainismo (7)
 - 6.3. Hinduísmo (7)
 - 6.4. Filosofia (11)
7. Medicina (4)
8. Poesia
 - 8.1. Os épicos (8)
 - 8.2. Poesia clássica e drama (9)
 - 8.3. Literatura narrativa (5)
 - 8.4. Poética (8)
9. Arqueologia e História da Arte (11)
10. *Varia* (4)

(Os números não incluem 46 comunicações apresentadas pelos professores soviéticos presentes ao Congresso, publicadas integralmente, com um resu-

mo em Inglês, nos dois volumes *Sanskrit and Ancient Indian Culture*, pelo Instituto de Estudos Orientais da Academia de Ciências da U.R.S.S.; versando sobre temas ligados à cultura indiana antiga, à literatura sânscrita, ao legado cultural da civilização da Índia antiga, os trabalhos foram elaborados por especialistas em lingüística, crítica literária, história, etnologia e arqueologia de Moscou, Leningrado, Ulan-Ude e das repúblicas transcaucasianas e da Ásia Central e apresentam a “diversidade de perspectivas dos estudiosos soviéticos em relação aos vários aspectos da civilização da Índia antiga, sua importância para a compreensão dos processos históricos e culturais no passado e no presente” — citação do Editorial do volume I.)

Na seção 1 incluíram-se duas conferências — Jean Filliozat/Paris (“Os estudos sânscritos e as ciências humanas”) e Giorgio Renato Franci/Bolonha (“O Sânscrito e os estudos indológicos como um instrumento para a construção de uma nova imagem do homem”) —, em que os dois professores ressaltaram a relevância do estudo do Sânscrito (e da cultura de que ele foi o veículo lingüístico) para o conjunto das ciências ditas humanas e a pertinência da análise do homem sânscrito para o estabelecimento de um quadro mais completo e honesto da trajetória do homem no mundo.

Na seção 2 foram reunidos os trabalhos de cunho eminentemente sociológico. Eles podem ser divididos em 5 grupos:

a) trabalhos cujo ponto de partida foi um ou mais itens lexicais do repertório lingüístico védico ou clássico e cujo objetivo foi o estudo do funcionamento e da significação social do(s) conceito(s);

b) trabalhos em que se procurou estabelecer o quadro social no interior de uma obra literária;

c) trabalhos em que se tentou especular/teorizar sobre as relações entre o Estado e a Sociedade do ponto de vista histórico;

d) trabalhos em que se procurou re-definir, no quadro geral da sociedade, a posição de determinados subgrupos, tais como a mulher, os *prâcyas* (habitantes do leste indiano), o rei, etc.;

e) trabalhos em que se pretendeu esclarecer o conceito social do homem fornecido por determinados textos (o Código de Manu sobre as leis, os textos médicos, os *Veda*, etc.).

Devem-se destacar a conferência do Prof. Gregori M. Bongard-Levin/Moscou (“Estado e Sociedade na Índia antiga”) e as comunicações dos Profs. Arion Rosu/Paris (“As classes sociais na literatura médica”), Shiva Gopala Bajpai/Northridge (“O gr. *praisivi* e o scr. *prâcyas*: problemas de identificação e significação histórica”) e da Profa. Ildiko Puskás/Budapeste (“A Índia antiga e o modo de produção asiático”).

Na seção 3 foram agrupados os trabalhos que tratam da influência do Sânscrito (e da cultura que ele transmitiu) sobre a Índia contemporânea, em todos os sentidos e sobre todas as subdivisões que se possa efetuar no complexo Índia. Mencionem-se a conferência do Prof. V. Raghavan/Madras (“O papel do Sânscrito e a cultura sânscrita na Índia” — que foi lida por um dos professores indianos presentes ao Congresso — e as comunicações dos Profs. J. Tilaksiri/Paradeniya (“A influência dos motivos e da técnica poética sânscritos sobre a poesia clássica cingalesa”), Mislav Jesic/Bonn-Zagreb (“Camadas textuais do *Bhagavadgîta* como traços da história cultural indiana”) e da Profa. Eva Aradi/Budapeste (“O impacto da literatura sânscrita sobre a poesia hindi contemporânea”).

A seção 4 foi formada pelos trabalhos que apontavam influências, empréstimos, interferências, semelhanças entre a língua e a cultura sânscrita e línguas e culturas com as quais a Índia clássica manteve contato no devido tempo ou em época posteriores. Assim, entre outros, foram examinadas a tradição gramatical sânscrita em suas traduções tibetanas e mongóis (Sh. Bira/Ulan Bator), as versões tibetanas e mongóis da literatura narrativa sânscrita (C. Damdinsuren/Ulan Bator), problemas sociolinguísticos resultantes da penetração do Sânscrito na Indonésia (Kurt Huber/Berlin — R.D.A.; Anna Radicchi/Cagliari), o impacto da cultura sânscrita sobre a poesia tailandesa (Pranee Lapanich/Bangkok), da literatura sânscrita em Sri Lanka e Burma (Heinz Bechert/Göttingen), a pesquisa das fontes de um *Râmâyana* khmer (Saveros Pou/Leeds), de um *Mahâbhârata* javanês (Ignatius Wiryamartana/Yogyakarta), a semelhança estrutural entre o *Pañcatantra* e o *Colloquio de los perros* de Cervantes (Marja Ludwika Jarocka y Bernier/México), traduções polonesas da literatura sânscrita (Franciszek Machalski/Cracóvia), elementos sânscritos na poesia dinamarquesa (Else Pauly/Copenhague), a “ressonância do pensamento indiano na cultura romena” (Sergiu Al-George/Bucareste).

Na seção 5, uma das mais técnicas e especializadas, foram agrupados os trabalhos relativos ao exame da língua sânscrita propriamente dita — entre outros, estudos sobre as laringais do Sânscrito (Wolfgang Morgenroth/Berlin-R.D.A.), sobre etimologia védica (Bernhard Forssman/Freiburg), indo-ariana (Boris Oguibenine/Paris) e sânscrita (Siegfried Lienhard/Estocolmo), subsídios sânscritos para a reconstrução da cultura indo-européia (Edgard C. Polomé/Austin), fonologia (Jaroslav Vacek/Praga) e composição nominal sânscritas (Milka Jauk-Pinhak/Zagreb), “incorrekções gramaticais, fatos de estilo e tendências lingüísticas em indo-ariano médio” (Collette Caillat/Paris), elementos sânscritos em nepalês (G.F.C. Meier/Berlin — R.D.A.), estudos sobre Pânini e Bhartṛhari (dois dos mais estudados gramáticos sânscritos; destaquem-se os trabalhos de Shivram D. Joshi/Poona e Ashok Aklujkar/Marburg-Vancouver) e sobre problemas de avaliação da semântica sânscrita (S. Sen-Gupta/Calcutta). Mencione-se a conferência do Prof. Eugen Seidel/Ber-

lin — R.D.A. sobre “O significado atual da Indologia para a Lingüística”, em que apresentou idéias definitivas a respeito do assunto. Nesta seção foi incluída a comunicação do Brasil — “Os Sânskritos e os procedimentos de hierofanização pela linguagem”

A seção 6, dedicada à religião/filosofia, foi a que reuniu o maior número de trabalhos; de resto, tem sido essa a área mais fértil de divulgação da Índia em todo o Ocidente. A pesquisa do complexo religioso/filosófico védico é a que congrega o maior número de interessados congressistas, ao contrário do que acontece com as obras de divulgação comercial, que se interessam fundamentalmente pelos monumentos filosóficos mais atuais. Mencionem-se os trabalhos de Juan Miguel de Mora/México (“O conceito de morte no *Rgveda*” — especulação filosófica), S. Zimmer/Berlin West (“A morte no *Rgveda*”) — exame filológico) e quatro outros, que foram apresentados e debatidos em Sânscrito, por professores indianos que trabalham em Seelisburg/Suíça e Allahabad, Rayagada e Meerut/Índia.

Os trabalhos da seção 7 fizeram exegeses de antigos textos médicos sânskritos, fazendo-lhes comentários (Roland Emmerick/Hamburg tratou do *Siddhasâra* de Ravigupta e Debiprasad Chattopadhyaya/Calcutta dissertou sobre o trabalho de Caraka) ou analisando-lhes um aspecto específico, como foi o caso do trabalho de Hélène Stork/Paris sobre o *unmâda* (conjunto de perturbações psíquicas) nas crianças, com dados extraídos dos trabalhos de Prthvîmalla, Caraka, Cakradatta, Suçruta e Vâgbhata.

Na seção 8 foram reunidos os trabalhos que tratavam especificamente da literatura sânskrita — gêneros, épocas, autores e obras. Foram apresentados trabalhos sobre a intertextualidade da literatura sânskrita em outras tradições literárias (Ladashiv Ayachit/Nagpur), sobre a intertextualidade constatável na própria literatura sânskrita (A. N. Jani/Baroda), análise de dramas (Maria Christopher Byrski/Varsóvia e G. Karsai/Budapeste), o conceito de “ninfas” (*apsaras*) na literatura narrativa sânskrita (Armelle Pedraglio/Paris); os trabalhos sobre poética indiana trataram das obras de Bhâmaha, Bhartrhari e Dandin e sobre os conceitos de “impropriedade”, “ressonância” “obscenidade” e “irradiação”. Destaque-se a conferência do Prof. Anthony K. Warder/Toronto sobre “A crítica literária indiana como uma ciência”

A seção 9, uma das de melhor desempenho, foi sempre acompanhada de projeção de slides ou filmes e do uso de fitas magnéticas relativos às peças examinadas. Mencionem-se: “O simbolismo das esculturas de Mithuna: uma pesquisa sobre o pano-de-fundo intelectual dos seus patronos, artistas e apreciadores” (Klaus Fischer/Bonn), “Mathura e o desenvolvimento do estilo gupta” (Herbert Plaeschke/Halle), “Sobre o simbolismo de Kâlî” (Heinz Kucharski/Leipzig), “A origem do culto indiano do sol segundo as imagens de Sûrya”

(Adalbert Gail/Berlin-West), a análise (ilustrada por trechos musicais) do tratado de Gulabrao Mahârâja (Roopa K. Kulkarni/Nagpur)

Na seção 10, foram reunidos os trabalhos experimentais de tratamento automatizado do Sânscrito por computadores. A esse tipo de pesquisa dedicam-se professores de Pisa, Copenhagen e Tübingen, dentre os quais sobressaem-se esses últimos e o seu TU-STEP (Tübingen System of Text Processing Program). Peter Schreiner tem aplicado este sistema aos *Purana* e já estabeleceu seis passos básicos para um trabalho dessa natureza. Depois de convenientemente programados os textos, pode-se passar:

- a) à comparação e à impressão em forma interlinear de versões diferentes de um texto;
- b) à reconstituição automática do estágio textual anterior à aplicação das regras de fonética;
- c) ao reconhecimento dos elementos que participam dos compostos nominais e verbais (pode-se, aqui, proceder à elaboração do léxico do texto);
- d) ao isolamento dos itens lexicais e à verificação do contexto verbal (subsídios para estudos de semântica sânscrita);
- e) ao estabelecimento do modelo métrico empregado para cada verso;
- f) Cada texto, qualquer seção do texto ou o resultado de qualquer um desses procedimentos pode ser reproduzido sem erros e constituir uma base segura para a comparação dos textos e sua publicação.

Como se pode depreender dessa pequena amostra dos temas tratados nos trabalhos do Congresso — de qualidade sempre presente e de salutaridade sempre invejável para quem e para um Centro que participava pela primeira vez de um encontro dessa natureza, e que contou com a presença de um número inimaginável de participantes —, a sua riqueza excedeu a todas as expectativas. No Congresso conviveram harmônica e modelarmente desde aqueles pesquisadores que, como nós, possuem apenas uma biblioteca doada por um autódidata externo a Universidade e mesmo assim, com o passar do tempo, bastante desfalcada de títulos significativos, até aqueles que, como o grupo do TU-STEP, contam com máquinas eletrônicas sofisticadas que os auxiliam em suas pesquisas, passando pelos franceses e as suas inumeráveis instituições e bibliotecas já seculares, não deixando de lembrar os pesquisadores de uma maneira ou outra autóctones e as informações ao alcance das mãos. E, acima de tudo — acima mesmo da ajuda oficial ou privada —, a teimosia de todos os participantes, que, a despeito das muitas direções das revoluções culturais levadas a efeito em todos os países e das prioridades estabelecidas em nomes de pragmatismos precários, persistem no trabalho de levantamento e interpretação de dados relativos a uma das mais brilhantes e ricas culturas que passaram pelo mundo e pela sua história. As palavras finais do

Prof. Bongard-Levin, em seu discurso de encerramento do Congresso, foram de saudação aos novos países e professores que participavam do evento e de louvação às novas perspectivas de análise dos fatos sânscritos apresentadas por esses mesmos professores e instituições recém-chegados ou admitidos à comunidade. O que servia, segundo o mesmo Professor, para provar a inesgotabilidade do material de estudo em questão, e, por outro lado, reforça a idéia do polifacetismo da significação embutida num determinado dado cultural e a sua não-resistência a novas abordagens, o que pode muito bem dizer da juventude (e por que não atualidade?) de fatos com até pelo menos 4000 anos de vida.

O V Congresso Mundial de Estudos Snscritos da I.A.S.S. será realizado em Benares (Índia), no período de 21 a 26 de outubro de 1981.